

O mais antigo programa-sistema do idealismo alemão¹

Friedrich Hölderlin

Tradução de André Felipe Gonçalves Correia

Doutorando em Filosofia pela UFRJ. Bolsista CNPq.

[–] *uma ética*. Dado que toda a metafísica, no futuro, desembocará na *moral* (de que Kant, com seus ambos postulados práticos, forneceu apenas um *exemplo*, sem *nada* esgotar), segue-se que esta ética não será outra senão um sistema completo de todas as ideias, ou, o que é o mesmo, de todos os postulados práticos. Naturalmente, a primeira ideia é a representação *de mim mesmo* como um ser absolutamente livre. Com o ser livre, autoconsciente, desponta ao mesmo tempo um mundo *inteiro* – a partir do nada –; a única criação verdadeira e concebível a partir do nada. Aqui, descerei aos domínios da física. A questão é a seguinte: para um ser moral, como um mundo tem de ser constituído? Eu gostaria, uma vez mais, de dar asas à nossa

¹ Texto de autoria incerta, foi escrito numa única folha e adquirido em março de 1913 pela Biblioteca Real Prussiana de Berlim em um leilão. Datado de 1796-7, foi publicado em 1917 por Franz Rosenzweig, que escolheu o título. Embora o documento tenha a caligrafia de Hegel, especula-se se terá sido concebido por Hölderlin, Hegel ou Schelling, ou ainda pelos três (então colegas de turma e de dormitório no seminário de Tübingen). Yves Bonnefoy considera que foi certamente inspirado por Hölderlin. Segundo Glenn Magee, a maioria dos peritos em Hegel considera-o o autor. No entanto, várias das ideias defendidas no ensaio (como o desaparecimento do Estado ou a supremacia da poesia no universo intelectual) parecem contraditórias com a filosofia hegeliana. Segundo Friedrich Beissner, utilizando-se da correspondência epistolar entre os autores, o texto fora formulado por Schelling, todavia, sob a influência de Hölderlin. A despeito desse debate, é possível perceber elementos diossincráticos dos três pensadores, fazendo do texto como que um recorte que se reúne.

vagarosa física, que avança diligentemente apoiada em experimentos.

Assim, se a filosofia fornece as ideias, a experiência os dados, podemos enfim ter diante de nós a física em sua totalidade, a qual espero de épocas posteriores. A física atual não parece estar em poder de satisfazer um espírito criador, tal como é, ou deve ser, o nosso.

Da natureza venho à *obra do homem*. Com a ideia de humanidade à frente, quero mostrar que não há ideia alguma de *Estado*, uma vez que o Estado é algo de *mecânico*, tanto quanto não há uma ideia de uma *máquina*. Apenas o que é objeto da *liberdade* chama-se *ideia*. Temos, portanto, de ir também além do Estado! – posto que cada Estado tem de tratar homens livres como engrenagem mecânica; e isso ele não deve; de modo que ele deve *cessar*. Percebeis por vós mesmos que, aqui, todas as ideias – de paz perpétua (e assim por diante) – são apenas ideias *subordinadas* de uma ideia superior. Ao mesmo tempo, quero depor aqui os princípios para uma *história da humanidade*, e despir toda a sofredora obra humana do Estado, da constituição, do governo, da legislação – até desnudar a pele. Por fim, despontam as ideias de um mundo moral, de divindade, de imortalidade – ruína de toda superstição, perseguição do sacerdócio, que no tempo corrente dissimula razão através da própria razão. Absoluta liberdade de todos os espíritos que carregam em si o mundo intelectual, aos quais não é permitido procurar Deus ou imortalidade *a não ser* em si.

Por último, a ideia que a tudo une, a ideia de *Beleza*, tomada a palavra no mais elevado sentido platônico. Estou agora convencido de que o ato supremo da razão, aquele no qual ela abrange todas as ideias, é um ato estético, e que *a Verdade e o Bem apenas na Beleza* estão irmanados. O filósofo tem de possuir tanta força estética quanto o poeta. Os homens sem senso estético são os nossos filósofos letrados. A filosofia do espírito é uma filosofia estética. Não se pode ser espiritualmente rico em nada, nem sequer sobre história pode-se raciocinar espiritualmente – sem senso estético. Deve tornar-se aqui evidente de quê carecem realmente os homens que não entendem

quaisquer ideias – e admitem, com fiada suficiência, que para eles tudo é nebuloso, tão logo se ultrapassa tabelas e registros.

A poesia adquire, dessa maneira, uma dignidade superior ao, no fim, novamente se converter naquilo que fora no início – *mestra da humanidade*; pois que não há mais filosofia alguma, história alguma, e apenas a arte-poética sobreviverá a todas as demais ciências e artes.

Ao mesmo tempo, ouvimos com muita frequência que a grande multidão precisa ter uma *religião sensual*. Não apenas o vulgo dela necessita, mas também o filósofo. Monoteísmo da razão e do coração, politeísmo da força imaginativa e da arte, é disso que precisamos!

Falarei aqui primeiramente de uma ideia, que, tanto quanto sei, não chegou ainda ao tato de homem algum – nós temos de ter uma nova mitologia; todavia, essa mitologia tem de estar a serviço das ideias. Ela tem de tornar-se uma mitologia da *razão*.

Antes de fazermos estéticas as ideias, isto é, mitológicas, elas não terão para o *povo* nenhum interesse, e, inversamente, antes da mitologia ser racional, o filósofo dela tem de se envergonhar. Assim, o esclarecido e o não-esclarecido têm de alcançar, por fim, a mão um do outro. A mitologia tem de tornar-se filosófica, e o povo, racional, assim como a filosofia tem de tornar-se mitológica para fazer dos filósofos sensuais. A eterna unidade dominará, desta feita, entre nós. Nunca mais o olhar de desprezo, nunca mais o cego arrepio do povo perante seus sábios e sacerdotes. Só assim nos aguardará a *mesma* formação de *todas* as forças, tanto do singular quanto de todos os indivíduos. Nenhuma força será oprimida novamente, pois dominará a total liberdade e igualdade dos espíritos! – Um súpero espírito enviado dos céus deverá instituir essa nova religião entre nós, ela será a derradeira e apoteótica obra da humanidade.

Das älteste Systemprogramm des deutschen Idealismus

Friedrich Hölderlin

[–] *eine Ethik*. Da die ganze Metaphysik künftig in die *Moral* fällt (wovon Kant mit seinen beiden praktischen Postulaten nur ein *Beispiel* gegeben, nichts *erschöpft* hat), so wird diese Ethik nichts anderes als ein vollständiges System aller Ideen oder, was dasselbe ist, aller praktischen Postulate sein. Die erste Idee ist natürlich die Vorstellung *von mir selbst* als einem absolut freien Wesen. Mit dem freien, selbstbewußten Wesen tritt zugleich eine ganze *Welt* – aus dem Nichts hervor – die einzig wahre und gedenkbare *Schöpfung aus Nichts*. – Hier werde ich auf die Felder der Physik herabsteigen; die Frage ist diese: Wie muß eine Welt für ein moralisches Wesen beschaffen sein? Ich möchte unserer langsamen an Experimenten mühsam schreitenden Physik einmal wieder Flügel geben.

So – wenn die Philosophie die Ideen, die Erfahrung die Data angibt, können wir endlich die Physik im Großen bekommen, die ich von späteren Zeitaltern erwarte. Es scheint nicht, daß die jetzige Physik einen schöpferischen Geist, wie der unsrige ist, oder sein soll, befriedigen könne.

Von der Natur komme ich aufs *Menschenwerk*. Die Idee der Menschheit voran – will ich zeigen, daß es keine Idee vom *Staat* gibt, weil der Staat etwas *mechanisches* ist, so wenig als es eine Idee von einer *Maschine* gibt. Nur was Gegenstand der *Freiheit* ist, heißt *Idee*. Wir müssen also auch über den Staat hinaus! – Denn jeder Staat muß freie Menschen als mechanisches Räderwerk behandeln; und das soll er nicht; also soll er *aufhören*. Ihr seht von selbst, daß hier alle die Ideen, vom ewigen Frieden u.s.w. nur *untergeordnete* Ideen einer höheren Idee sind. Zugleich will ich hier die Prinzipien für eine *Geschichte der Menschheit* niederlegen, und das ganze elende Menschenwerk von Staat, Verfassung, Regierung, Gesetzgebung – bis auf die Haut entblößen. Endlich kommen die Ideen von einer moralischen Welt, Gottheit, Unsterblichkeit – Umsturz alles Afterglaubens, Verfolgung des Priestertums, das neuerdings Vernunft heuchelt, durch die Vernunft selbst. – Absolute Freiheit aller Geister, die die intellektuelle Welt in sich tragen, und weder Gott noch Unsterblichkeit *außer sich* suchen dürfen.

Zuletzt die Idee, die alle vereinigt, die Idee der *Schönheit*, das Wort in höherem platonischen Sinne genommen. Ich bin nun überzeugt, daß der höchste Akt der Vernunft, der, indem sie alle Ideen umfaßt, ein ästhetischer Akt ist und daß *Wahrheit und Güte nur in der Schönheit* verschwivert sind. Der Philosoph muß ebensoviel ästhetische Kraft besitzen als der Dichter. Die Menschen ohne ästhetischen Sinn sind unsere Buchstabenphilosophen. Die Philosophie des Geistes ist eine ästhetische Philosophie. Man kann in nichts geistreich sein, selbst über Geschichte kann man nicht geistreich *raisonnieren* – ohne ästhetischen Sinn. Hier soll offenbar werden, woran es eigentlich den Menschen fehlt, die keine Ideen verstehen – und treuherzig genug gestehen, daß ihnen alles dunkel ist, sobald es über Tabellen und Register hinausgeht.

Die Poesie bekommt dadurch eine höhere Würde, sie wird am Ende wieder, was sie am Anfang war – *Lehrerin der Menschheit*; denn es gibt keine Philosophie, keine Geschichte mehr, die Dichtkunst allein wird alle übrigen Wissenschaften und Künste überleben.

Zu gleicher Zeit hören wir so oft, der große Haufen müsse eine *sinnliche Religion* haben. Nicht nur der große Haufen, auch der Philosoph bedarf ihrer. Monotheismus der Vernunft und des Herzens, Polytheismus der Einbildungskraft und der Kunst, dies ist, was wir bedürfen!

Zuerst werde ich hier von einer Idee sprechen, die, soviel ich weiß, noch in keines Menschen Sinn gekommen ist – wir müssen eine neue Mythologie haben, diese Mythologie aber muß im Dienste der Ideen stehen, sie muß eine Mythologie der *Vernunft* werden.

Ehe wir die Ideen ästhetisch, d. h. mythologisch machen, haben sie für das *Volk* kein Interesse, und umgekehrt: ehe die Mythologie vernünftig ist, muß sich der Philosoph ihrer schämen. So müssen endlich Aufgeklärte und Unaufgeklärte sich die Hand reichen, die Mythologie muß philosophisch werden und das Volk vernünftig, und die Philosophie muß mythologisch werden, um die Philosophen sinnlich zu machen. Dann herrscht ewige Einheit unter uns. Nimmer der verachtende Blick, nimmer das blinde Zittern des Volks vor seinen Weisen und Priestern. Dann erst erwartet uns *gleiche* Ausbildung *aller* Kräfte, des Einzelnen sowohl als aller Individuen. Keine Kraft wird mehr unterdrückt werden. Dann herrscht allgemeine Freiheit und Gleichheit der Geister! – Ein höherer Geist, vom Himmel gesandt, muß diese neue Religion unter uns stiften, sie wird das letzte, größte Werk der Menschheit sein.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HÖLDERLIN, Friedrich. **Sämtliche Werke: Kleine Stuttgarter Ausgabe.** Hrsg. von F. Beissner (ed.). Stuttgart Kohlhammer, 1958.